

Entre o XX e XY: vivências de professoras e professores de Biologia no cotidiano escolar.

Celina Gabriela Leite Bomfim¹

Edinaldo Medeiros Carmo²

Resumo

Este texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve como principal objetivo compreender como o currículo praticado por professoras e professores de Biologia aborda as questões de gênero e de sexualidade. Esta pesquisa foi realizada com professores da rede estadual de ensino no município de Vitória da Conquista, Bahia. Entre os participantes escolhemos dois docentes para discutir as inquietações vivenciadas ao trabalhar com os dois padrões cromossômicos (XX e XY) na determinação biológica dos sexos em humanos e os atravessamentos das questões de gênero e sexualidade no desenvolvimento do currículos. Os dados foram produzidos por meio de entrevista semiestruturada e a análise dos dados foi feita por meio da Análise Textual Discursiva. As análises indicam que os docentes, apesar apontarem para aspectos biológicos de sua formação, possibilitam a discussão da sexualidade para além destas características.

Palavras chave: Padrão Cromossômico, Professor(a) de Biologia, Sexualidade.

1 Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – BA; bomfim.celina@gmail.com

2 Doutor em Educação, Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd/ UESB; medeirosed@uesb.edu.br

Entre XX e XY: O princípio da inquietação

Este relato é um recorte de uma pesquisa de mestrado que focalizou compreender como o currículo praticado por professoras e professores de Biologia aborda as questões de gênero e de sexualidade e foi realizada com docentes da rede estadual de ensino do município de Vitória da Conquista, Bahia.

Foram analisados aspectos relacionados a organização curricular que trouxessem implicações na abordagem desses/as docentes sobre a temática de gênero e sexualidade. Situações que envolvessem casos de LGBTQIAfobia³ e o uso do nome social por alunos/as travesti ou transexuais também foram exploradas no intuito de perceber o posicionamento desses/as docentes frente a essas possíveis ocorrências no cotidiano escolar.

No presente texto daremos destaque a um dos aspectos apontados pelos/as docentes ao discutirmos sobre os atravessamentos das questões de gênero e sexualidade no currículo. Dentre os vários elementos que subsidiaram nossa discussão, elencamos um ponto comum apontado pelos/as professores/as. Para eles/as os momentos em que trabalhavam com conteúdos relacionados a determinação biológica do sexo em humanos, por meio dos padrões cromossômico XX e XY, os/as alunos/as sempre traziam inúmeras inquietações a respeito das questões de gênero e sexualidade para além dos padrões heteronormativos.

Para Louro (2005), no espaço escolar, as questões de gênero e sexualidade são normatizadas, muitas vezes, por um processo de ocultamento de determinados sujeitos, evidenciando a participação da escola na construção de diferenças. Para a autora, o silêncio se torna uma forma velada de “eliminar” sujeitos que não se enquadram na “norma”.

Apesar de constituírem diferentes aspectos dos indivíduos, as questões de gênero e sexualidade, em diversos âmbitos, apresentam-se profundamente inter-relacionadas. Neste sentido, Louro (2010, p. 25) alerta que “É importante que notemos que grande parte dos discursos sobre gênero de algum modo incluem ou englobam as questões de sexualidade”. Compreender essas relações envolvendo o sistema sexo-gênero-sexualidade no ambiente escolar, perceber os mecanismos de poder nos quais

3 Maio e Oliveira Junior (2015) adotaram o termo LGBTQIAfobia como um termo único para representar uma intransigência social em relação às lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexos e assexuados. Contudo, os autores ressaltam que reconhecem se tratar de diferentes tipos de intransigências sociais.

estão envolvidos e às construções históricas aos quais estão vinculados, é um bom começo para questionar as suas implicações no processo de formação de cada indivíduo e em suas vivências.

Além disso, refletir sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, inevitavelmente, é também perceber os seus reflexos para a sociedade. Assim, Weeks (2007) alerta que a sexualidade costuma ser moldada por duas preocupações principais. Essas preocupações envolvem as subjetividades e a sociedade, ambas apresentando-se conectadas por meio do corpo e de suas potencialidades. Para o autor, a partir do disciplinamento dos corpos, controla-se também a sexualidade.

Nesta perspectiva, Silva (2005, p. 144) alerta como o corpo humano vem sendo objeto de atenção em vários pontos do currículo da Educação Básica, contudo, denuncia que esse corpo “[...] vem sendo apresentado – ou verdades sobre o corpo vêm sendo apresentadas – no e pelo ensino de ciências a partir dos olhares da biomedicina”.

Se concebermos que as disciplinas escolares de Ciências e Biologia costumam ter o corpo humano como objeto de estudo, fazendo isso inclusive de forma fragmentada e, considerando que esse mesmo corpo seja objeto de disciplinamento e controle da sexualidade, logo, o que podemos deduzir é que as disciplinas escolares de Ciências e Biologia podem atuar como mecanismo de controle dos corpos, incluindo as sexualidades. Desta forma, refletir sobre as questões de gênero e sexualidade na educação, em especial nas interfaces com o currículo de Ciências e Biologia, se faz necessário.

Trazer essas reflexões para o ambiente escolar nos remete as concepções curriculares. Poderíamos aqui elencar diferentes teorias de currículo, contudo, acreditamos que é através das concepções pós-críticas que melhor questionaremos os padrões postos para o gênero e sexualidade. Desta forma, interessa-nos pensar o currículo na perspectiva da diferença. Para Lopes e Macedo (2011, p. 227) “[...] abrir o currículo à diferença implica a recusar a perspectiva da identidade, rechaçar as fixações que criam as identidades como golpes de força sobre a possibilidade de ampla significação”.

Nesse sentido, pensar em um currículo aberto a diferença para o componente curricular de Biologia e em seus atravessamentos com as questões de gênero e sexualidade, demanda questionar toda a estruturação que este componente propõe. Em especial, repensar as classificações do que seria considerado como do feminino e/ou do masculino. É abrir espaço para a desconstrução de todo o conhecimento estruturado e dito como verdadeiro. Logo, entendemos esse processo como um grande desafio.

Desse modo, acreditamos que não aprisionar os significados e sentidos atribuídos ao currículo, como também às relações de gênero e de sexualidade, é essencial para que possamos entendê-los em seus diferentes contextos, relações e interações. Assim, acreditamos possibilitar a existência de diferentes formas de viver as identificações de gênero e orientações sexuais no ambiente escolar.

Destarte, o presente texto tem como objetivo refletir sobre as inquietações vivenciadas por professores/as a respeito das questões de gênero e sexualidade ao trabalhar a distinção biológica dos sexos por meio dos padrões cromossômicos XX e XY.

Um pouco do caminhar

A presente pesquisa possui um caráter qualitativo inspirado na fenomenologia. Segundo Amado (2013) a investigação fenomenológica-interpretativa busca compreender as intenções e significados que os seres humanos atribuem as suas ações, em relação com os outros e com os contextos *em que* e *com que* interagem.

Nesse sentido, para compreender como os/as professores/as de Biologia abordavam as questões de gênero e sexualidade, questionamos sobre os processos da organização do seu trabalho. Propomos que o/a professor/a refletisse sobre a sua forma de organização curricular, analisando as relações que são construídas com seus pares, alunos/as e demais participantes da comunidade escolar, os contextos em que se vive, ou seja, em todo o processo como uma construção social.

No que tange aos participantes da pesquisa, os docentes atuam na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, e foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: (1) ser professor efetivo de uma escola pública de Ensino Médio; e (2) ter a formação específica para o ensino de Biologia. No intuito de preservar o anonimato dos participantes, utilizamos nomes fictícios.

Dentre os cinco participantes da pesquisa, escolhemos os relatos de dois docentes para discutir as inquietações a respeito dos padrões cromossômicos na determinação biológica dos sexos e as relações com as questões de gênero e sexualidade. Para tanto, foi realizada entrevista semiestruturada e a análise dos dados foi feita por meio da Análise Textual Discursiva (ATD).

Somos muito mais do que um conjunto de genes

Ao adentrarmos nas inquietações geradas pela diferença que envolvem as questões de gênero e de sexualidade na escola, no primeiro momento, procuramos saber dos/as docentes se eles/as acreditavam que a escola deveria discutir questões de identificação de gênero e orientação sexual com seus/suas alunos/as e professores/as. Nesse sentido, Louro (2006) considera que há dois grupos de pessoas: as que consideram a sexualidade como um campo fortemente atravessado por questões morais e religiosas e, nesse caso, a escola deveria se afastar e não discutir tal tema, evitando-se envolver em polêmicas e conflitos. Como há também pessoas que consideram impossível esse afastamento por admitir que a sexualidade integra os indivíduos e a sociedade.

Por fim, Louro (2006) defende que “[...] é indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado”. Assim como apontado por Louro (2006), os/as professores/as concordam que a escola deve trabalhar com as questões de gênero e sexualidade. Todavia, para defender esse posicionamento, Norma e Antônio utilizaram diferentes argumentos.

Norma reconheceu que é importante que se trabalhe as questões de identificação de gênero e orientação sexual não só na escola, mas com toda a sociedade. Entretanto, o que mais chamou a atenção é o fato da professora ter deixado claro o aspecto biológico da sua formação profissional, porém, alegou que isso não interfere no reconhecimento da complexidade do ser humano, vejamos:

Por mais que eu entenda que existe um sexo biológico, porque eu como bióloga e geneticista sei que estará lá um XY ou um XX que determina algumas características... [...], somos muito mais do que um conjunto de genes. A gente tem um processo formativo que é influenciado por diversos fatores e as pessoas têm direito a exercer isso, demonstrar essa composição delas [...] (Professora Norma).

Esse argumento da professora Norma coaduna com o que Santos e Silva (2019) defendem. Para esses/as autores/as, apesar de reconhecerem que a formação dos docentes de Ciências Biológicas seja marcada por classificações, representações anatômicas, fisiológicas e genéticas do que pode ser considerado como feminino ou masculino, é possível e preciso que se repense outras formas de demarcação dentro da área das Ciências Biológicas.

Santos e Silva (2019) sustentam-se no argumento de que as classificações determinadas pela configuração cromossômica XX e XY estão entrando em conflito com o que alunos e alunas vêm anunciando como modos de existência em relação ao seu sexo-gênero. A professora Norma, ao afirmar que “A gente tem um processo formativo que é influenciado por diversos fatores”, indica que as identificações de gênero e a orientação sexual estão além dos aspectos biológicos.

O professor Antônio, por sua vez, relacionou a temática de gênero e sexualidade com o componente curricular de Ciências. “Olha, eu percebo sempre que Ciências, no 8º ano, ela é obrigada, acaba sendo obrigada a trabalhar porque as perguntas aparecem durante as aulas, porque a gente trabalha o corpo humano”. Nesse sentido, Molina e Santos (2018), ao analisarem aspectos da educação sexual na escola, reconhecem que a apesar das discussões no campo da sexualidade poder ser tratadas por diversas áreas, no entanto, é comum que essa relação seja feita com a área das Ciências. Para o professor Antônio, ao trabalhar com o corpo humano nas aulas do referido componente curricular, acaba sendo obrigado a trabalhar com as questões de gênero e sexualidade.

Nessa perspectiva, o professor Antônio ao afirmar que “[...] não existe como você separar disso, de trabalhar a questão da atração sexual [...]”, ele reconhece que trabalhar o corpo humano, é também falar dos desejos que esse corpo sente, ou seja, da forma como se vive a sexualidade. Desse modo, Louro (2006) ressalta que a sexualidade está envolvida com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, e, desta forma, apresenta mais relação com a cultura e a sociedade, do que propriamente com a Biologia.

Diante dos conteúdos que envolve o corpo humano, o professor Antônio considerou que são momentos que inevitavelmente irá trabalhar aspectos relacionados às questões de sexualidade. Destacou: “[...] você vai falar do sistema nervoso, depois você vai falar do sistema reprodutor. Então, neste momento não tem para onde correr. O professor, ele é obrigado a trabalhar com esses assuntos”. Porém, o professor ressaltou que os componentes curriculares em que atua, Ciências e Biologia, podem dar início a discussão dessa temática, contudo, evidencia a necessidade de que todas as disciplinas devam se inteirar do tema.

Até aqui, inferimos que ao mesmo tempo em que temos profissionais que evidenciam aspectos biológicos da sua formação e/ou atuação enquanto docentes, mostram-se também sensibilizados, ou pelo menos atentos, a outros aspectos que não os biológicos para tratar de temas que envolvam o corpo humano e as questões de gênero e sexualidade.

Um outro momento em que esses/as professores/as acusaram o surgimento de inquietações a respeito das questões de gênero e sexualidade no currículo, foi quando os questionamos a respeito do livro didático. Procuramos saber desses/as professores/as se no livro didático há alguma abordagem sobre as diferentes identificações de gênero e orientação sexual para além dos aspectos biológicos.

Norma fez uma breve análise dos conteúdos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, alegando nunca ter visto algo que remetesse às diferenças. Continuamos a insistir na pergunta, mas agora querendo nos referir aos/as alunos/as, buscando saber se já houve algum questionamento que fugisse do que estava posto no livro didático. Nesse momento surgem dados em torno das diferenças para além dos padrões heteronormativos de sexo e orientação sexual. Observemos na fala de Norma.

Já aconteceu de perguntarem sobre hermafroditismo na espécie humana. [...] e aí puxar, na verdade, para questão da sexualidade. Você está lá no XX, XY e eles puxarem: “Então por que tem mulheres que gostam de mulheres e homens que gostam de homem?” [se referindo a uma das perguntas dos/as alunos/as] (Professora Norma).

Pelo relato dos demais participantes da pesquisa, parece ser comum que questões para além da heterossexualidade e dos padrões binários de gênero sejam associadas aos conteúdos de determinação cromossômica do sexo, onde, segundo os relatos, surgem inúmeras dúvidas dos/as alunos/as sobre as diferenças na identificação de gênero e orientação sexual. Procurando compreender melhor essa relação, questionamos ao professor Antônio como eram essas dúvidas e ele acrescentou: “[...] aparece da forma assim: ‘Sim professor e se for homossexual?!’, ‘... ou... hermafrodita? E o trans? E... e as pessoas que são de sexos indefinidos? E aí?’[se referindo aos questionamentos dos/as alunos/as]”.

Podemos perceber, por meio dos relatos, que os/as alunos/as apresentam o interesse para compreender o que é diferente dos padrões heteronormativos. Nesse momento, Antônio analisou as perguntas dos/das alunos/as e concluiu que tratar de gênero e sexualidade é ir além das questões biológicas:

Que aí assim... não é apenas uma questão química ou biológica, aí é uma questão comportamental [...] eu puxo para o lado que não é somente uma questão biológica [...]. O

ser humano ele é fruto da genética e do meio, não apenas da genética [...] (Professor Antônio).

Em diferentes momentos das entrevistas, Norma e Antônio utilizaram de argumentos semelhantes para debater com seus alunos/as sobre as diferentes formas de identificação de gênero e/ou orientação sexual. Com a fala de Antônio podemos perceber que o mesmo costuma utilizar de aspectos multifacetados para trabalhar a questão da sexualidade, deixando claro para os alunos que a genética não é o único determinante na formação dos seres humanos.

Nesse sentido, Weeks (2007, p. 38) ao debater sobre o corpo e a sexualidade, argumenta que “[...] embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo”. Para o autor a sexualidade tem relação com nossas crenças, ideologias e imaginações, estando além do corpo físico. No relato do professor Antônio a sexualidade foi associada a uma “questão comportamental” e da relação com o meio em que se vive, o que podemos interpretar como aspectos sociais e culturais.

Algumas considerações

Ao trabalhar com temas envolvendo a determinação cromossômica do sexo em humanos – o AX e XY – os docentes foram atravessados por questionamentos dos alunos em que os argumentos de caráter meramente biológico não contemplavam as suas inquietações. Ao possibilitar o debate sobre as questões de gênero e sexualidade, os/as professores/as parecem ficar divididos entre os aspectos mais intrínsecos relacionados à sua formação (Ciências Biológicas) e o reconhecimento da complexidade do ser humano que não envolve apenas as características biológicas. Contudo, foi possível perceber que, apesar de tímida, esses/as professores/as demonstraram uma abertura à diferença no desenvolvimento curricular, possibilitando a discussão da sexualidade para além dos padrões heteronormativos.

Referências

AMADO, João. A investigação em Educação e seus paradigmas. In: AMADO, João (coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber

(Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (Org.). **Saúde e Sexualidade na Escola**. (Cadernos Educação Básica; 4). 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MAIO, E. R.; OLIVEIRA JUNIOR, I. B. de.; LGBTQIAfobia: pluralizando a (in) diferença no contexto escolar. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v.4, n. 2, p. 252-265, ago./dez, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/34498/18297>> Acesso em: 13 dez. 2019.

MOLINA, A. M. R.; SANTOS, W. B. Educação sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 1149-1163, jul./set., 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9530/7524>> Acesso em: 10 jan. 2020.

SANTOS, S. P.; SILVA, E. P. Q. Ensino de Biologia e a transexualidade. **Ensino em Re-Vista**. v. 26, n. 1, p. 147-172, jan./abr., 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48831/26032>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SILVA, E. P. Q. Quando o corpo é uma (des)construção cultural. In: MARANDINO, M; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; AMORIM, A. C. R. (Orgs.). **Ensino de Biologia**: conhecimentos e valores e disputa. Niterói: Eduff, 2005.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.